

As Águas de Maio

Ariadne

As previsões atmosféricas dos calos de Eleotério anunciavam que o tempo continuaria ruim. Catarina olhava inconformada para seu canteiro de temperos: salsa, cebolinha, manjerona, manjerição. Tudo destruído de forma macabra. Dona Beata, mãe de Catarina, mulher de idade avançada, nada dizia. Sentada num tamborete, olhava pela vidraça a chuva cair, e sua respiração de asmática causava-lhe mais sofrimento à medida que as horas iam passando.

As notícias chegavam embora ninguém arredasse os pés de casa. Sabem, as ciganas acampadas na Rua dos Coqueiros já desmontaram suas barracas. O circo instalado na Praça Garibaldi rumou para outra cidade. As casas próximas ao Guaíba estão cheias de marombas para seus moradores poderem transitar.

Os homens usavam galochas. Zanzibar, irmão de Arjórie, com seus dezesseis anos, ficava em frente ao espelho domando seus crespos cabelos. Substituiu a glostora por gumex.

Mães gritavam para seus filhos entrarem em casa, saírem da chuva. As crianças, com entusiasmo, colocavam seus barquinhos de papel para navegarem, e Arjórie, com toda a turma, torcia para que a água continuasse subindo, subindo, invadindo as calçadas, formando poças e pequenos lagos. Queriam que acontecesse uma enchente, sem saber muito bem do que se tratava.

A enchente aconteceu!

As águas de maio deixaram uns setenta mil flagelados em nossa cidade, Porto Alegre, em 1941. A chuva caía impiedosamente dia após dia, noite após noite, sem dar trégua. A água escorria com força e abundância pelas sarjetas.

O pai de Arjórie odiou a força da natureza e, mais ainda, sua insignificância diante desta catástrofe. A mãe acendeu velas em frente ao quadro de Jesus no Monte das Oliveiras. Vicentina, agregada da família, rezava sem parar, se benzia e repetia:

- Tudo acabou de acabar!

À medida que a chuva não dava trégua, os mais preocupados saíram de casa apressados, de carro. Rapidamente, o deslocamento só podia ser feito de carroça e, depois, a única maneira de sair era em canoas, enviadas pelos bombeiros. Alguns vizinhos resistiam em deixar suas casas, mesmo ameaçadas de serem invadidas pela água.

Arjórie lembrava das aulas de religião, das leituras da Bíblia, do dilúvio. Únicos sobreviventes: Noé com sua família e os bichos aos pares entrando na embarcação. Uma história que a encantava. Será que seu pai faria uma arca igual à de Noé?

Foi de carroça que saíram de casa.

Foram acolhidos por tios que moravam na Rua Duque de Caxias, ponto mais alto da cidade. A família é grande, muitas crianças. Sem complicações, estendem cobertores pelo chão para servirem de cama. Muita água no feijão, arroz com charque, pipoca, café preto, bolachas, bolinhos de chuva. Economia de energia: velas e lampiões. O banho é reduzido. Em casa, a água tem que ser poupada, só se lava os pés, as mãos, o rosto e as partes íntimas. Para beber, os grandes vão buscar água na Escola de Cadetes.

Aulas canceladas. Escolas abrigam os flagelados. Brigadianos estão instalados no Cinema Avenida. Em algumas noites, portas são abertas para sessões de cinema: O Gordo e o Magro. O rádio, ligado o dia inteiro, informa as previsões do tempo. Sirenas são ouvidas à noite.

Arjorie com seus primos brincam alheios ao perigo. Montam palcos usando lençóis, recitam versinhos, brincam de prenda, anel, jogam cinco Marias, bilboquê. As crianças vivem aquele momento com espírito de aventura. A presença dos pais lhes imprime segurança. Para a cabecinha deles, segurança para toda a vida. Uma ninhada de gatinhos são acariciados e passam de mão em mão. *Esses bichinhos vão ficar pesteados de tanto vocês pegarem*, alertam os pais.

Mas, pensa Arjorie, tudo que é bom termina, e a chuva para. Eles têm que voltar para casa, para a escola, deixar os primos. Como teriam sobrevivido as galinhas no galinheiro? Acredita que tudo vai voltar ao seu lugar. A casa amarela estaria desbotada. O pai pediria para Seu Moraes, o ordenança, pintá-la. Os verdureiros voltariam a circular em carroças, o geleiro serraria as barras de gelo para os frigoríficos, o vendedor de torresmo retornaria. Tudo como era antes.

Não foi o dilúvio. Seus pais não permitiriam que isso se repetisse. A arca de Noé só estaria presente em seus sonhos.